

RECENSÃO CRÍTICA DE LIVRO

Autora:

Ana Sofia Laranjinha

Investigadora FLUP

SEMELPS/IF/FCT

alaranj@gmail.com

Título:

The Arthur of the Iberians. The Arthurian legends in Spanish and Portuguese worlds.

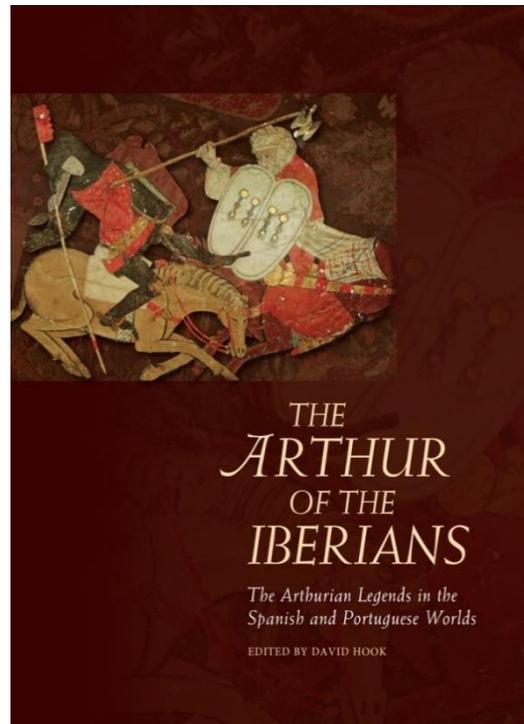
Edited by David Hook. University of Wales Press, 2015.

Como citar esta recensão:

Ana Sofia Laranjinha, “Recensão crítica a *The Arthur of the Iberians. The Arthurian legends in Spanish and Portuguese worlds*. Edited by David Hook. University of Wales Press, 2015”, in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 2, 2017, pp. 179-184.

DOI: 10.21747/21839301/gua2rec3

**THE ARTHUR OF THE IBERIANS. THE
ARTHURIAN LEGENDS IN SPANISH AND
PORTUGUESE WORLDS. EDITED BY DAVID
HOOK. CARDIFF, UNIVERSITY OF WALES
PRESS, 2015 (576 PP.; ISBN 978-1-78316-241-
3; E-978-1-78316-243-7)**



Elaborar uma síntese sobre a matéria arturiana na Península Ibérica não é tarefa fácil. Os testemunhos manuscritos existentes, escassos e fragmentários na sua maioria, são vestígios de uma circulação que se adivinha muito mais importante e a reconstituição da entrada e da difusão desses textos não pode fazer-se sem o recurso a uma investigação minuciosa, apoiada no cruzamento de dados e na elaboração de hipóteses, por vezes ousadas. David Hook e os seus colaboradores não escolheram o caminho mais fácil neste seu trabalho. Conscientes da complexidade da problemática arturiana, observaram-na sob diferentes perspectivas: tiveram em conta os indícios que a onomástica e os catálogos de bibliotecas encerram, fizeram uma descrição dos testemunhos medievais, retomaram as teses que tentavam explicar a penetração dos ciclos em prosa pelo ocidente e pelo oriente da península, examinaram a presença da matéria arturiana na lírica e na historiografia, estudaram os seus desenvolvimentos ibéricos no Renascimento e os ecos desta matéria nos territórios ultramarinos, chegando até às recriações contemporâneas. Buscaram a exaustividade e apresentaram-nos um trabalho muito útil, com uma extensa bibliografia e algumas sobreposições e discrepâncias difíceis de evitar numa obra que, como esta, deixa aos autores a liberdade de apresentarem a sua visão sobre uma problemática complexa e por vezes polémica.

Num capítulo introdutório («Arthurian material in Iberia»), Paloma Gracia oferece-nos uma panorâmica em que privilegia a abordagem geográfico-linguística – defendendo como a matéria arturiana terá penetrado na Catalunha, em Castela e no Ocidente da Península em diferentes momentos e através de diferentes canais e géneros. Opta por uma apresentação prudente das teorias mais difundidas relativas à circulação dos textos cíclicos, mas usa uma terminologia que, a meu ver, deveria ter sido explicitada desde logo: teria sido necessário, desde este capítulo inicial, esclarecer os leitores (identificados no prefácio não apenas como especialistas, mas também como «general readers and (...) students and scholars from different fields») sobre os ciclos da Vulgata e da Post-Vulgata, apresentando-os como o resultado de um processo de escrita em contínua evolução e mutação e não como listas fechadas de textos. Por outro lado, e já que a expressão «ciclo do Pseudo-Boron» será utilizada por outros colaboradores, teria sido importante dar conta (mesmo que para a rejeitar) da tese que sustenta esta designação.

No capítulo II («The surviving peninsular Arthurian witnesses»), o último que adopta uma perspectiva globalizante, José Manuel Lucía Megías faz uma descrição sistemática dos dezoito testemunhos arturianos peninsulares e analisa as circunstâncias que ditaram a decadência do material arturiano mas também a sua sobrevivência, por vezes sob forma de fragmentos utilizados para reforçar encadernações posteriores.

Abrindo uma segunda parte que adopta como princípio estruturante a geografia, Santiago Gutiérrez García é o responsável por um longo capítulo intitulado «The diffusion of Arthurian material in Portugal», que o subtítulo «The diffusion of Arthurian material in the West of the Peninsula» teria mais justamente designado, já que as fronteiras políticas nem sempre coincidem com as fronteiras culturais, sobretudo no que diz respeito à Ibéria medieval. Neste caso, a opção por uma organização linguística dos materiais teria sido mais acertada e mais coerente, decorrendo naturalmente do capítulo redigido por Paloma Gracia. Gutiérrez faz uma longa e crítica revisão das teses (por vezes excessivamente tingidas de nacionalismo) que tentaram explicar a penetração, circulação e tradução dos textos cíclicos no Ocidente da Península e também daquelas que se esforçaram por reconstituir os ciclos em que se teriam integrado, aquando da sua escrita, os romances que chegaram até nós. Finalmente, são dadas aos leitores algumas das informações que faltavam sobre o ciclo da Post-Vulgata tal como foi reconstituído por Fanni Bogdanow e a interpretação alternativa de José Carlos Miranda com a sua proposta do ciclo do Lancelot-Tristão ou Pseudo-Boron. Gutiérrez, céptico perante as tentativas de reorganização conjectural de uma matéria definitivamente desfigurada pelo tempo, põe judiciosamente em evidência a instabilidade destes textos (cf. p. 71). Ainda assim, o investigador galego acaba por adoptar a tese de Bogdanow na sua apresentação dos textos arturianos que chegaram até nós em galego-português. Retoma alguns aspectos já abordados, como a descrição dos manuscritos, e faz uma extensa revisão da literatura, tocando aspectos tão variados como a filiação dos testemunhos na tradição manuscrita francesa, a reconstituição dos

processos de cópia e tradução, a relação com as versões castelhanas, a história das edições modernas e ainda a construção narrativa, simbólica e ideológica. Depois do *Livro de José de Arimateia*, dos fragmentos do *Livro de Merlin* e da *Demanda*, considera os *Lais de Bretanha*, os poemas traduzidos do *Tristão em Prosa* ou nesta obra inspirados, que se conservam no Cancioneiro da Biblioteca Nacional e no Cancioneiro da Vaticana. Afastando-se dos ciclos em prosa, debruça-se sobre a incorporação, na historiografia galega e portuguesa dos sécs. XIV e XV, do sumário da história dos reis da Bretanha provindo do *Libro de las Generaciones*, que por sua vez se inspirara no *Brut* de Wace. Finalmente, para concluir, mostra como Portugal constitui um caso particular de sobrevivência tardia da matéria arturiana, bem visível nos romances de cavalaria, que não se limitam a retomar estruturas narrativas, temas e personagens, mas fazem da cavalaria e da realeza arturianas «a myth producing reference» ao serviço da monarquia portuguesa.

No capítulo IV, discutivelmente intitulado «The *matière de Bretagne* in Galicia from the XIIIth to the XVth century», Pilar Lorenzo Gradín apresenta um completo e detalhado estado da arte sobre as referências arturianas na lírica galego-portuguesa profana e religiosa, de onde ressalta que, na primeira, esta matéria está presente sobretudo em autores de alguma maneira ligados a Afonso X ou posteriores e que provém maioritariamente dos ciclos em prosa, enquanto nas *Cantigas de Santa Maria*, as fontes são mais difusas, possivelmente orais. Em seguida, debruça-se sobre a *Crónica de 1404* (que na verdade se aproxima da historiografia portuguesa por usar a mesma fonte) e sobre o fragmento do *Livro de Tristan*, que, enquanto porção dos romances em prosa, teria mais produtivamente sido incluído no capítulo anterior.

O capítulo seguinte, da responsabilidade de Lourdes Soriano Robles, trata da presença da matéria arturiana em Aragão, um caso à parte no contexto peninsular pela sua maior proximidade cultural e linguística relativamente à Provença, que terá ditado uma exposição mais extensa e directa aos textos franceses.

Carlos Alvar redige o longo e eclético capítulo VI, «The matter of Britain in Spanish society and literature from Cluny to Cervantes», onde retoma uma abordagem global da Península Ibérica (nos subcapítulos sobre artes visuais, onomástica e lírica galego-portuguesa), que completa com uma observação mais atenta de Castela e (para as manifestações culturais posteriores ao séc. XV) Espanha. Percorre, assim, os romances de cavalaria, a ficção sentimental, a poesia de cancionero, o romanceiro e a historiografia, chegando ao género profético e finalmente ao *Quixote*. Ao contrário da obra de Cervantes, que segundo Alvar revela um conhecimento profundo da literatura arturiana e uma capacidade de jogar com os seus valores, códigos e simbologias, a grande maioria dos textos e géneros referidos evidenciam um interesse muito limitado pela matéria de Bretanha, sobretudo a partir do séc. XV. Um dos aspectos mais interessantes deste capítulo é a abordagem da funcionalidade política que a matéria de Bretanha adquire em algumas épocas conturbadas da história de Espanha, como a

regência de Maria de Molina ou o reinado de Afonso X. Muito úteis são os diferentes quadros que sistematizam as referências recolhidas.

Com o capítulo VII, de Paloma Gracia, abandonamos a perspectiva geográfica e voltamos aos textos arturianos propriamente ditos. Desta vez, trata-se de apresentar o chamado ciclo da Post-Vulgata e as suas versões ibéricas. Embora subscrevendo a tese de Fanni Bogdanow e o seu ciclo em três partes, Gracia admite, relutantemente, que a versão ibérica do ciclo pudesse ter incluído um *Lancelot* e um *Tristan*, como defende José Carlos Miranda e os testemunhos que subsistem parecem sugerir. Depois de uma descrição do conteúdo dos fragmentos do ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca, Gracia aborda os testemunhos galego-portugueses da *Estoire* e do *Merlin*, que já haviam sido descritos por Gutiérrez, mas ocupa-se agora também dos *Baladros*. Finalmente, apresenta as *Demandas* (portuguesa e castelhana), voltando novamente à questão da prioridade portuguesa ou castelhana da tradução, que quanto a ela não está ainda resolvida.

Antonio Contreras Martín debruça-se, no cap. VIII, sobre «The hispanic versions of the *Lancelot en Prose*», da descrição dos testemunhos à datação das versões (ver p. 290-291), passando pelos recursos narrativos. Embora se refiram os acrescentos da parte final do *Lanzarote*, que o aproximam do chamado «ciclo da Post-Vulgata» e do *Tristan*, e ainda as semelhanças com o ms. BnF fr. 751, tais dados, recentemente actualizados por Correia (2015), que deveriam levar qualquer filólogo a rever a totalidade da teoria cíclica de modo a integrá-los numa explicação lógica e racional, são aqui tratadas com ligeireza, como epifenómenos tardios, como já Bogdanow fizera em 1999, tentando salvar uma ideia de «Pós-Vulgata» manifestamente em naufrágio.

A Luzdivina Cuesta Torre, como se esperava, cabe o capítulo IX, «The Iberian *Tristan* texts of the Middle Ages and the Renaissance». Estes textos apresentam-se sob forma manuscrita (*Códice de Tristán* e *Cuento de Tristán* em castelhano; *Livro de Tristan* em galego-português; três fragmentos de um *Tristany* em catalão) e impressa (*Tristán de Leonís* em várias edições do séc. XVI e uma continuação, *Tristán el Jóven*). Da observação da complexa relação com a tradição manuscrita de além-Pirenéus decorre que «The Castilian versions are different from one another; coincide closely with the brief Catalan fragments; are markedly original when compared to the various French versions edited by Curtis and Ménard or summarised by Löseth; and exhibit occasional points of similarity with the Italian versions, whilst on other occasions they diverge from them (p. 317-318)». No presente estado da investigação, os testemunhos castelhanos e catalães, que constituem uma versão marcadamente biográfica do *Tristan*, parecem constituir uma subfamília das versões italianas.

Rafael Ramos, no capítulo X, apresenta o *Amadís de Gaula*, que considera «the most original and important representative of the Arthurian tradition in medieval Castilian literature (p. 364)», defendendo que todas as teorias sobre uma autoria não castelhana desta obra estão agora ultrapassadas. Ao que tudo indica, o *Amadís* teria sido composto durante os primeiros anos do reinado de Afonso XI, quando se reúnem

as condições para o seu extraordinário sucesso entre o público da corte, tendo conhecido várias reescritas até à versão final de Rodríguez de Montalvo, impressa no séc. XVI e conhecida em toda a Europa. A literatura arturiana modela os valores, inspira a construção das principais personagens, a geografia, muitas das aventuras e inúmeras referências, mas é sujeita a uma expurgação moralizadora que a adapta a um novo público. O extraordinário sucesso do *Amadís* levará à multiplicação das edições, mas também à redacção de continuações e novos romances de cavalaria que o tomam como modelo.

No capítulo «Arthur goes global: Arthurian material in Hispanic America and Asia», David Hook começa por dar conta da presença arturiana na onomástica (de navegadores, conquistadores e colonizadores), confirmando o declínio do interesse por esta literatura à medida que o século XVI ia avançando. Faz ainda um levantamento das referências arturianas encontradas em relatos de exploração e conquista do Novo Mundo, que remetem em grande parte para o *Amadís*. Quanto às listas de livros exportados para a Ásia e as Américas, incluíam vários exemplares de ficção cavaleiresca, apesar das reticências da Igreja face à moralidade deste género, e uma *Demanda do Santo Graal* em dois volumes. Finalmente, a influência cavaleiresca (e, muito mais modestamente, arturiana) em formas literárias populares como o *corrido* nas Filipinas e o romance de cordel brasileiro são a prova da extensão e profundidade do seu impacto, revigorado no século XXI graças à moda *fantasy* e à Internet.

Finalmente, para fechar esta extensa panorâmica, Juan Miguel Zarandona fornece-nos a sua visão de «The contemporary return of the matter of Britain to Iberian letters». Mostra como as obras de Tennyson e Wagner deram frutos entre muitos autores do final do séc. XIX, como o mito de uma Galiza céltica alimenta poetas e romancistas até aos nossos dias e como a Idade Média, revisitada pela escrita ou pelo cinema, vive no final do séc. XX e início do séc. XXI um momento particularmente favorável.

A extensíssima bibliografia de *The Arthur of the Iberians*, actualizada até 2014, é um testemunho da vitalidade da investigação sobre a literatura arturiana em línguas ibéricas e suas repercussões; as sínteses que David Hook logrou reunir nesta obra serão um sólido ponto de partida para os que quiserem aventurar-se neste campo de estudos.

Ana Sofia Laranjinha
SMELPS/IF/FCT